Revista VOZ Da Palavra

Maio - 2025 - Fortaleza - CE

Vol. 2 - Nº 2, 2025

POESIA
CONTO
CRÔNICA
CORDEL
ARTIGO

Editores:
Gilson Pónthes & Pedro Blum

EXPEDIENTE

Diretor: Gilson de Albuquerque Pontes
e Vice-Diretor: Pedro Blum de Moura
Revista: Voz da Palavra
Editor Chefe: Gilson de Albuquerque Pontes
Criadores da Revista: Gilson de Albuquerque Pontes
e Pedro Blum de Moura
Revisão: Gilson de Albuquerque Pontes
Design e Diagramação: Gilson Pónthes
Ilustrações: Gilson de Albuquerque Pontes
Colaboradores desta revista:
Redes Sociais: Site, Instagram, Facebook, Google e WhatsApp

NOTA
Todos os textos e imagens publicadas
são de responsabilidade
da revista.
A reprodução é permitida somente com autorização por escrito.

Revista Voz da Palavra

Volume 2, 2025

Maio de 2025 / Fortaleza/ CE

Copyright © Revista Voz da Palavra

E-mail: profgilsonpontes4@gmail.com
Contato: (85) 9 9648-2190

Editores: Gilson Pónthes e Pedro Blum

Editorial

Caros leitores,

Com grande entusiasmo, apresentamos o volume 2 da Revista Voz da Palavra, um marco que celebra não apenas a continuidade de nossa jornada, mas também a renovação constante do nosso compromisso com a literatura e a arte. Neste volume, destacamos textos inéditos de autores talentosos, cujas palavras são verdadeiras viagens pela alma humana, abordando os temas mais profundos e atuais com sensibilidade e criatividade.

Como sempre, nossa missão é ser um espaço plural e democrático, onde todas as vozes têm espaço para se expressar e onde a palavra escrita se transforma em uma ferramenta de reflexão e transformação. Os textos desta edição variam entre crônicas, poesias, ensaios e contos, com um objetivo em comum: provocar, tocar, e, principalmente, inspirar.

Os artigos de nosso volume 2 trazem reflexões sobre a sociedade contemporânea, as complexidades da existência e a busca por significado em tempos de grandes mudanças. A poesia, como sempre, segue como a protagonista desta revista, com versos que questionam, desafiam e, ao mesmo tempo, nos envolvem em um abraço de beleza e emoção.

Neste volume, trazemos também uma seleção de ensaios que exploram a importância da literatura como um meio de resistência e renovação. Em tempos de rápidas transformações sociais e culturais, a literatura se reafirma como uma força capaz de questionar o status quo e provocar diálogos necessários.

A Revista Voz da Palavra continua sua missão de dar espaço para novas vozes e de proporcionar aos leitores não apenas uma boa leitura, mas uma experiência literária enriquecedora. Estamos imensamente gratos a todos os autores que contribuíram com seus textos inéditos e ao nosso fiel público, que continua a nos apoiar a cada nova edição.

Aproveite esta leitura, que trará, sem dúvida, reflexões valiosas e novas perspectivas sobre o que é ser humano, ser artista, ser escritor. Que as palavras aqui encontradas toquem seu coração e acendam novas chamas de inspiração e esperança.

Boa leitura, e que a palavra continue sendo a nossa grande aliada.

Editores
Gilson Pónthes
&
Pedro Blum

SUMÁRIO

O Tempo das Ruas - crônica; O Colapso de uma
Sociedade Alienada - artigo - 6
O último suspiro de Lampião- cordel; Soneto de Coisa Miúda ;
Soneto do Silêncio das Coisas - 7
A Razão e o Senso Comum - Cordel; A beira da
Estrada - Conto 8
Morro Branco - 9
Divulgação - 10
Recordando; Academia - 11
Adolescência; O Recomeço; Trovas - 12
Trovas; Artistas Circenses; Superlativo do Amor - 13
Rimando com Alegria; Uma de cada vez - 14
Os Valores Pessoais - 15
O Livr; Os Gladiadores; A Arte de Escrever; Fatos
Cotidianos - 16
O meu jardim florido; O Homem do Violino
conto - 17
O Último Trem para Casa - 18
A Orígem de todas as Coisa; Medi da Mudança - conto - 19
Bicho-de-pé - crônica - 20

O Tempo das ruas

Crônica

Na calçada desgastada pelo passo apressado, o tempo se esgueira entre vozes, buzinas e olhares distraídos. Cada pedra guarda histórias que ninguém lê, memórias esquecidas no fluxo impiedoso da cidade. O menino vendendo balas na esquina, a senhora que observa o mundo da sacada—todos fazem parte de um enredo invisível, costurado pela pressa e pelo silêncio.
No fim do dia, as luzes piscam, o asfalto reflete o céu tingido de laranja, e o tempo, sempre implacável, continua sua marcha sem olhar para trás.

Gilson Pónthes

A Histeria Coletiva e o Fenômeno das Bebês Reborn: O Colapso de uma Sociedade Alienada

Artigo

Vivemos em um mundo de paradoxos, onde, em meio ao avanço tecnológico, surgem fenômenos estranhos e perturbadores. Um dos mais curiosos é o culto crescente às bebês reborn, bonecas de silicone criadas para parecer bebês reais. O mercado dessas bonecas, que são tratadas como se fossem bebês de verdade, tem crescido de maneira alarmante, refletindo uma sociedade cada vez mais alienada e emocionalmente vazia.

Essas bonecas, feitas com detalhes impressionantes, como cabelo real e até batimentos cardíacos simulados, não são apenas objetos de arte ou colecionáveis. Elas servem como substitutos para o afeto real, algo que muitas pessoas buscam em um mundo marcado pela solidão e pela falta de conexões humanas autênticas. Mas até onde isso é saudável?

A sociedade moderna, marcada por inseguranças e relacionamentos superficiais, tem criado um terreno fértil para a alienação. As bebês reborn se tornam uma forma de preencher o vazio emocional, mas essa busca por realismo artificial é um reflexo de uma crise mais profunda. Em vez de cultivar relações genuínas, muitos optam por substitutos, como essas bonecas, que fornecem uma ilusão de amor e afeto.

A verdadeira preocupação não está apenas na compra dessas bonecas, mas no que elas simbolizam: uma sociedade que busca por um afeto falso, ao invés de buscar conexões humanas reais. Estamos sendo seduzidos por uma imitação de amor, algo que não pode ser comprado ou replicado por objetos.

O fenômeno das bebês reborn deve ser visto como um alerta para os rumos que nossa sociedade está tomando. Ao invés de buscar preenchimento emocional em objetos artificiais, precisamos refletir sobre como recuperar o valor das conexões humanas reais, antes que nos deixemos dominar pela ilusão de que o falso pode substituir o verdadeiro.

Gilson Pónthes

O Último Suspiro de Lampião

Cordel

Na terra do cangaço, a história é viva,
Falar de Lampião, é memória ativa.
Ele era o rei, no sertão, temido,
Com sua força e coragem, todo o povo era protegido.

Mas chegou o dia, o destino fatal,
Que o fez encarar sua queda, sem igual.
Na serra de Angico, o cerco se fechou,
E o lampião com sua tropa, de armas, se armou.

O sol quente brilhava, o sertão estava calado,
Mas na madrugada, o bando foi emboscado.
Os soldados do Estado, com firmeza e vigor,
Cercaram os cangaceiros, sem perder o ardor.

Lampião, o valente, lutou até o fim,
Mas a bala da morte não teve perdão assim.
A sua cabeça foi cortada, exposta,
E o rei do cangaço, já sem vida, ficou à vista.

Virgulino Ferreira da Silva, com coragem sem igual,
Se foi da vida, mas ficou imortal.
Seu nome ecoa nos ventos do sertão,
Nos campos, nos rios, e na imensidão.

A morte de Lampião é um símbolo de luta,
De resistência forte, que nunca se imputa.
O cangaço se foi, mas a memória ficou,
E o nome de Lampião jamais se apagou.

Gilson Pónthes

Soneto da Coisa Miúda

Eu vi um grilo empoleirado num cisco,
falando baixo com a perna do vento.
Ali, no chão, achei maior risco
do que em qualquer discurso ou monumento.

Me encantei com a asa do mosquito,
que faz balé nos cantos do abandono.
Prefiro o erro manso do infinito
ao acerto sisudo de um bom dono.

As palavras que brotam do barro torto
me dizem mais que os livros bem cuidados.
No brejo, o céu se escreve meio morto,

mas ressuscita em sapos encantados.
É na miudeza que eu me comporto:
poesia é bicho que mora calado.

Gilson Pónthes

Soneto do Silêncio das Coisas

As coisas quietas têm voz de segredo:
um prego enferrujado sabe orar.
O mato cresce lento, sem ter medo
de não chegar a lugar nenhum lugar.

Uma cadeira velha, sem assento,
me ensinou a sentar no pensamento.
E um botão solto, perdido no relento,
falou do mundo sem nenhum lamento.

As palavras, quando andam descalças,
tropeçam menos, machucam mais fundo.
Por isso escuto as pedras sem pressa:

elas me contam do que é mais fecundo —
que a poesia se faz com as falsas
coisas que vivem no fim do segundo.

Gilson Pónthes

A Razão e o Senso Comum
Cordel

Na vida que a gente leva,
Há duas formas de pensar,
A razão e o senso comum,
Que nos fazem questionar.
Cada um tem seu caminho,
E ao mundo vai guiar.

O senso comum é o velho,
Que nos diz o que é certo,
Mas nem sempre tem resposta,
E o futuro é incerto.
Nos diz o que já é sabido,
Mas não nos leva a perto.

A razão, por sua vez,
É mais fria, mais segura,
Não se deixa levar por fama,
Nem por toda mentira dura.
Ela pesa e analisa,
Busca sempre a verdade pura.

O senso comum é prático,
Na medida do cotidiano,
Mas carece de profundidade,
Fica sempre no raso plano.
Enquanto a razão procura,
Reflete e busca o insano.

Ambos, no entanto, são necessários,
Como o sol e a lua a brilhar,
Sem um, o outro não teria valor,
Como uma estrada sem caminhar.
Mas a razão, por ser mais ampla,
Nos ensina a questionar.

Então, é bom usar a razão,
Para enxergar além da visão,
Mas sem esquecer o senso comum,
Que está no povo, na tradição.
Ambos são partes do saber,
Que nos guiam em toda direção.

Gilson Pónthes

À Beira da Estrada - Conto
por Gilson Pónthes

O sol da tarde escorria pelo céu como tinta aquarela, tingindo tudo em laranja, rosa e dourado. Foi nesse cenário que João avistou, à beira da estrada, um pequeno pássaro caído. As asas ainda curtas tremiam como folhas ao vento. Os olhinhos, escuros e fundos, suplicavam por ajuda.

João freou o carro sem pensar duas vezes. Desceu, se agachou com cuidado e recolheu o frágil ser com as mãos trêmulas de emoção. Ali começava uma história improvável.

Em casa, João improvisou um lar com uma velha caixa de sapatos, forrada com algodão macio. Gotas de mel e água foram suas primeiras ofertas, acompanhadas de sussurros de esperança.

Os dias passaram como páginas de um livro. O pássaro, agora batizado de Asa, foi ganhando vida. As penas, antes amassadas e sem cor, tornaram-se um manto vibrante. João observava cada avanço com olhos marejados — sabia que aquele cuidado era, na verdade, um adeus sendo escrito devagar.

E, ainda assim, doía.

Asa não era apenas um pássaro. Era companhia, era silêncio compartilhado, era afeto que não pedia nada em troca. João sabia que o céu o chamava, mas seu coração não queria abrir a janela.

Até que chegou o dia.

Asa pulava, inquieto, sentindo o mundo lá fora chamá-lo. João respirou fundo, abriu a janela e, com um último gesto de amor, o lançou ao vento.

Nada de lágrimas. Apenas um sorriso sereno, daqueles que só quem amou de verdade consegue dar.

Asa voou, livre, cortando o céu com a leveza de quem carrega gratidão nas asas.

Mas a história não acabou ali.

Na manhã seguinte, João acordou com um chilrear familiar. Na janela, Asa estava lá — com um pequeno galho de oliveira no bico. Um presente. Um símbolo. Um “obrigado” que não precisava de palavras.

Era a prova de que, mesmo longe, algumas conexões seguem vivas. Na lembrança. No peito. No céu.

Morro Branco: A Geografia Emocional de um Artista

Ele vagueia entre pensamentos e silêncios, deixando que seus devaneios respirem na “Casa do Tracuá”. Ali, em meio à mata nativa avizinhada de uma lagoa e o quebra-mar da Praia de Morro Branco — separados entre si somente por um cordão de dunas —, ele se sente absolutamente à vontade. Os elementos da natureza o encantam: ora acariciado pelo vento que embala a rede no alpendre; ora afundando os pés na areia, como se buscasse na vastidão marinha a resposta que o tempo ainda não soprou. Às vezes, bafejado pela brisa, a lhe acariciar a alma passageira dos meandros de sua cabeça e o corpo despido, entregue ao sol como quem oferece a alma à luz. Quando não, vestindo uma peça de banho e assim se dando ao bronzear do sol escaldante.

Na crônica “Minhas Mãos Parecem Vazias”, à página 62 de “Morro Branco”, o autor mente quando diz: “Não há coerência na minha escrita”. Existe sim! Porque esse misto de poemas e prosas poéticas é pura inteligência, inquietude, competência e, portanto, a sua cara.

Senão ouçamos a atriz e poetisa Tetê Palha, quando diz: “ele é marcante, realista, capacitado, expressivo, lépido e objetivo”.

E eu, velejando na maré dessas palavras sinceras, acrescento: ele é um líder que não conduz pela força, mas pela inquietude lúcida do que vê e sente. Ele consegue, a um só tempo, ser reflexivo e intimista, autêntico e contestador. Alguém que não se cala diante das incoerências e subserviências do mundo hodierno, mesmo sabendo que acabará desagradando alguns.

Falo do artista que pulsa em múltiplas formas: escritor, teatrólogo, ator, luz de cena e sombra de bastidor. Falo de Antônio Marcelo e do livro “Morro Branco” — sua mais recente produção literária. Um homem telúrico e atento às coisas da natureza — especialmente dedicado aos animais.

Nesta obra, somente por um instante, ele se promete, em pensamento, trilhar o caminho inverso ao que fez quatro décadas atrás. E um bom exemplo disso é a crônica “Eram os Meados dos Anos 80” — época em que o menino Marcelo (nascido em Cajueiro Lachado, Martinópolis–CE), já morava na localidade de Salão, distrito de Senador Sá. Nesse texto, ele relembra a sua pacata e preguiçosa infância e planeja um dia revisitar o seu passado. Reviver o tempo em que mergulhava nas águas turvas do açude da comunidade de Salão — antes de migrar do norte para o leste.

Irrequieto e dado a singrar, mais as águas doces do que as salgadas, eu não duvidarei se, do nada, num incontido rompante, ele assumir os passos de Iracema — musa de encantos e impulsos, que corria entre as matas como se o tempo se curvasse à sua vontade líquida. A lendária protagonista de José de Alencar que, horas após banhar-se no mar de Fortaleza, lavava-se do sal nas águas doces da bica do Ipu. Afinal, o que são os 340 quilômetros que separam Beberibe de Martinópole, para o agitado Antônio Marcelo, impetuosamente maratonista?

Mas o autor do precioso “Morro Branco” fez essa incursão ao passado sem demonstrar saudosismo e sem borrar as memórias da infância, como quem escreve sobre o passado com tinta d’água — visível, mas leve.

Sempre fiel ao exposto, na contracapa do livro em foco, ele diz: “Nenhum tempo foi ou será meu quanto este agora. Não tenho passado, tenho uma vida que vivi do jeito que era possível e nela me adequei para não haver saudades”.

“Morro Branco” é um livro-coral que entoa amores e desamores, marés e silêncios, onde cada crônica soa como uma canção de mar e tempo. Uma obra de muitas brumas e espumas, rios e lagoas. Que discorre sobre as falésias, os morros e as barras, a brisa e o vento, a luz do sol e o breu da noite, o brilho das estrelas e o reluzir da Lua.

Um apreciável vai e vem entre a Casa do Tracuá e a Praia do Morro Branco. Onde o fluxo e o refluxo das águas respondem à sístole e à diástole do Atlântico.

Recomendo, pois, a quem consegue ouvir a voz da naturezano assobio das matas, no sussurro das dunas, no espelho quieto das águas doces e no frenesi salgado das marés, mergulhar nas memórias de Antônio Marcelo.

Em “Morro Branco” o leitor encontra tudo isso e muito mais porque neste livro está presente o peculiar e inconfundível traço do autor de múltiplas habilidades.

Bernivaldo Carneiro.

Divulgação

Existem épocas na vida que foram
feitas para não serem esquecidas.
— Emílio, Rousseau.

Depois de mais um encontro regado a boas conversas e brindes que ecoaram noite adentro, voltei para casa refletindo sobre tudo o que discutimos. Agora, dez anos depois, escrevo este texto para homenagear os parceiros dessa jornada. Falo dos “Poetas de Quinta”, um grupo com o qual tive o privilégio de viver, debater e praticar literatura. Esses encontros foram essenciais para lapidar minha escrita, expandir minha criatividade e fortalecer um dom que, há 25 anos — desde minha intensa vida profissional —, venho cultivando com dedicação.

Entre tantas memórias, lembro com carinho de um comentário especial de Arleni Portelada, profissional versátil: jornalista, escritora, cerimonialista, radialista e apresentadora de TV. Com seu olhar sensível, ela escreve sobre as fragilidades humanas e a beleza do mundo. Ao lado de Francinete Azevedo e outros notáveis da Academia de Letras dos Municípios Cearenses (ALMECE), Arleni, nossa “Dádiva Piauiense”, fez uma observação sobre minha resenha do livro Odisséia em Ulisséia, de Vilma Matos. Texto escrito com prazer genuíno, movido pela admiração sincera pela autora e sua obra, sem buscar elogios fáceis.

Arleni destacou minha disposição para valorizar os colegas, elogiou meu interesse pela literatura grega e ressaltou algo essencial. Disse que a minha iniciativa era rara em um meio tomado pelo ego. Onde muitos tentam ofuscar os outros e se enxergam como os “suprassumos” da literatura.

Mas o tempo passou, e vejo que muitos daqueles colegas seguem brilhando no universo das letras. Meu gosto por divulgar seus escritos continua firme. Leio suas obras e me conecto com suas ideias, criando um laço especial entre escritor e leitor. Para mim, essa troca é uma embriaguez poética que me acompanha em todas as jornadas.

Onde quer que eu vá, seus livros estão comigo. Seja na fila do check-in, na sala de espera ou no voo, sempre levo comigo a literatura dos amigos. Alguns não precisam de divulgação, mas faço questão de promovê-los.

Só para citar quais seguiram comigo em minhas viagens mais recentes, devo dizer que: em São Luís do Maranhão li Andarilho dos Trópicos, de Nicodemos Napoleão; em Salvador a minha companhia foi Conchita e Outras Memórias, de Eudismar Mendes e a caminho da capital de Alagoas me deliciei com Lápis Branco, de Carlos Nóbrega.

Já na semana de 17 a 23 de março de 2013, encontrando-me em Minas Gerais, conheci Fábio Martins — um jornalista, escritor, radialista e professor da UFMG. Ocasião em que ele me presenteou com um número da segunda edição de Rádio em Revista e minha retribuição à sua gentileza foi um exemplar de meus livros Devaneios, Delírios & Desamores, Nas Garras de um Irreverente e Satirizando o Cotidiano. Escambo literário que adiou um pouco o manuseio de Obstinação Sertaneja, outra obra de autoria de Nicodemos Napoleão que levara para ler tão logo degustasse As Boas Mulheres da China.

Outra grande alegria que Fábio Martins me proporcionou foi manifestar desejo de contar com textos meus em suas edições futuras de Rádio em Revista. Uma oportunidade inestimável que, de imediato, me fez lembrar Raymundo Netto, autor de Cadeira na Calçada.

E com esse pensamento, naquela noite, deixei o bar e restaurante La Greppia — ponto de encontro de boêmios e intelectuais mineiros — e segui em direção ao apartamento 1504 do Hotel Best Western Sol. Ao chegar, a primeira coisa que fiz foi me conectar à internet, onde me deparei com a mais recente crônica de Raymundo Netto, publicada no Jornal O Povo, com o título: O POVO: 85 anos presente no Ceará V. Um texto primoroso sobre o nascimento da radiofonia no Ceará.

E, ao lê-lo, algo se fez mais claro dentro de mim. Não era somente uma coincidência, mas talvez um elo invisível, que unia o trabalho de Raymundo Netto, a visão de Fábio Martins e a minha própria jornada. Era como se, por trás das palavras e das oportunidades, houvesse uma busca comum: a de dar voz ao que se cala, eternizar o efêmero e fazer da memória uma ponte entre o passado e o futuro. E, naquele instante, entendi que talvez fosse essa a verdadeira contribuição que Fábio esperava de nós, cearenses, para sua revista — uma contribuição que não fosse somente de palavras, mas de essência.

Bernivaldo Carneiro.

RECORDANDO

Pedro Blum

O tempo foi passando,
As coisas foram mudando,
Trocando de lugar,
Mas, a consciência é tranquila,
Hoje eu pude me lembrar,
Quando eu era criança,
Quando eu fazia algo errado,
A minha mãe dona Maria,
Logo me advertia,
Baixinho me dizia,
Procure se comportar,
Para no banco da Faculdade,
Um dia você se sentar,
Estudar com muita atenção,
Procurar aprender à lição,
Sem a ninguém desafiar,
O caráter de um homem,
É que diz, onde ele vai chegar,
Estudar Literatura,
Se tornar grande Criatura,
Muitos amigos você irá encontrar,
Com respeito e amizade,
A mais pura verdade,
Tudo poderá conquistar,
Ganhar o necessário,
Sem precisar enricar,
Sonhar com a minha mãe,
Que ontem foi seu aniversário,
Foi tudo que me fez inspirar.
O.meu abraço fraternal,
Por aqui irei encerrar.
O Poeta Pedro Blum,
Acadêmico Imortal,
Da Academia Cearense
de Literatura Popular.

ACADEMIA DE LETRAS DOS MUNICÍPIOS CEARENSES - ALMECE

Em uma solene reunião de gala, realizada no dia 17 de maio, o Presidente da Arcádia, Francisco Clementino (Tizim), com sua habitual cortesia, convidou o renomado radialista Vicente Alencar para substituir o Diretor de Comunicação, Gilson Moreira, que se encontra em viagem. O convite foi prontamente aceito, tornando-se um elemento que abrilhantou ainda mais o evento, que tinha como pauta principal o lançamento do livro da Rainha da Casa de Juvenal Galeno, a poetisa e escritora Francinete Azevedo. A obra, uma homenagem ao ex-presidente Lima Freitas (in memoriam), foi representado por suas duas filhas, presentes para a merecida homenagem.

A reunião foi um verdadeiro sucesso, contando com a presença de um expressivo número de confrades e confreiras, além de ilustres convidados e um quarteto do Coro Lírico, com destaque para o soprano Auzeneide Cândido, que encantou a todos com sua performance erudita. Ao lado dela, estavam as talentosas musicistas e confreiras Osia Carvalho e Zenaide, que contribuíram ainda mais para o brilho do evento.

Em conformidade com o estatuto do Silogeu, o Presidente Tizim, com o apoio de seus pares, concedeu certificados às confreiras Sônia Nogueira, Arlene Portelada e Querobina, em reconhecimento aos seus méritos, entregues por Leonardo Moura e Mazé Moura.

Em seguida, a confreira Eliane Santos se apresentou, destacando o nome do homenageado e elogiando as confreiras Ana Maria e Francinete Azevedo como suas principais incentivadoras no mundo literário.

O evento foi encerrado pelo Presidente Tizim, dando espaço à escritora e autora da obra em homenagem ao ex-presidente Lima Freitas (in memoriam), Francinete Azevedo, que fez a entrega gratuita de seus livros a todos os presentes. Para complementar a celebração, foi servido um requintado lanche, proporcionando um ambiente de confraternização entre os participantes.

Encerrando este registro, parabenizo a todos os membros da Academia Almeceana pelo zelo e dedicação às atividades do Silogeu. Aproveito para destacar a atuação dos confrades Tesoureiro Antônio Mateus, que mantém a saúde das finanças da Arcádia; Bernivaldo Carneiro, por conduzir com maestria o processo de impressão da Coletânea Anual; e das confrarias Oneida Pinheiro, pela cobertura fotográfica de alto estilo, e Vilma Matos, que tem representado, com seu talento, não apenas o Silogeu Almeceano, mas todo o Estado do Ceará nas esferas nacional e internacional, enaltecendo, assim, a cultura nordestina.

Participe da REVISTA VOZ DA PALAVRA. A revista tem circulação universal e acesso gratuito.

Pedro Blum

A ADOLESCÊNCIA

Pedro Blum

A adolescência é um lapso temporal,
Que tem a sua essência, que influencia na idade,
Precisa-se educar, se afinar e se lapidar.
Afastar de vez a maldade, gozar e aproveitar a idade,
Sem a ninguém afetar, para andar de cabeça erguida,
Usar sua roupa preferida, Amar a pessoa querida,
Por ela ser correspondida, uma boa vida levar.
O adulto já é diferente, seguir com a vida em frente,
Já pensa logo em casar, é uma ilusão producente,
De quem ama é evidente, os seus rebentos criar,
Matricular na Escola, ir deixar e buscar,
São primicias que os país, tão bem poderão educar.
Eu falo isso por mim, pois, tudo que dos meus pais recebi,
Às minhas três pérolas queridas, eu consegui repassar,
Galgar uma vida feliz, sem a ninguém humilhar.
Essa é a Lei da vida, para quem quiser prosperar.
A adolescência é bonita, para quem aprendeu a amar.
O amor é a peça preferida, as vezes deixa uma ferida,
Mas, mesmo assim, é à melhor coisa que há.
O Poeta tem experiência, à sua maior essência,
é o amor cultivar.
Desde à sua adolescência, o seu forte é amar.

O RECOMEÇO

Pedro Blum

Abrandou a minha voz,
Reconheço o recomeço,
Que tanto vivi a esperar,
Meu coração ficou pequenino,
Igual ao de um menino,
Sonhando você voltar.

Na trilha da ilusão,
Coloquei a minha paixão,
Por quem não ficou de voltar,
Mas, o amor falou mais alto,
Apesar de tanto recato,
Você resolveu retornar.

T R O V A S

Pedro Blum

Eu fingindo que Dormia,
ninguém podia perceber
acordado tudo eu via,
Olhando se podia ver.

Você quando bem novinha,
podemos nos encontrar,
pensando que fosse minha,
alegre cheguei ficar.

A vida sempre foi boa,
para quem só quer amar,
para não viver atoa,
precisamos estudar.

Terça feira em prosa e verso
de Vicente Alencar,
eu digo, juro e, confesso,
cheguei a ser Poeta foi lá.

Ambiente bem excelente,
que digo ser salutar,
sempre muito bem frequente,
o que faz todos gostar.

Foi lá na praia de Ipanema,
Quando fui ao cinema.
Que você estava lá,
Era mesmo bem novinha,
Eu não sei o que você tinha,
Para por mim, se apaixonar.

Hoje sou Escritor e Poeta,
Avô de de dois netos e uma neta,
Que a família faz completar,
Vivo bem, graças a Deus,
Não lembro.nem dos carinhos seus,
Mas, hoje foi bom recordar.

T R O V A S

Pedro Blum

Gabaritando a trova,
Eu quero rememorar,
eu vou fazer uma prova,
bem feita para passar.

Papa Francisco morreu,
a idade priva a viver,
muito na vida sofreu,
porque nada queria ter.

Nos quatro cantos do mundo,
muito chamou atenção,
o Papa americano,
usar seu nome leão.

A noite muito chovia,
caia escorria pelo chão,
dormindo nada se via,
o Sol se pegava com a mão.

T R O V A S

Pedro Blum

Gabaritando a trova,
Eu quero rememorar,
eu vou fazer uma prova,
bem feita para passar.

Papa Francisco morreu,
a idade priva a viver,
muito na vida sofreu,
porque nada queria ter.

Nos quatro cantos do mundo,
muito chamou atenção,
o Papa americano,
usar seu nome leão.

A noite muito chovia,
caia escorria pelo chão,
dormindo nada se via,
o Sol se pegava com a mão.

ARTISTAS CIRCENSES

Pedro Blum

No picadeiro do Circo,
Eu queria me apresentar,
Como malabarista,
Todos iriam gostar.

O Marabalis tem sorte,
Enfrenta até o globo da morte,
O motociclista que é forte,
Gira do Sul para o Norte

O Mágico é o trapezista,
Aplausos faz arrancar.
Quando se apresentam na pista.

Eu que pinto meu rosto,
Mesmo sabendo quem sou,
Palhaço na vida eu sou.

Superlativo do Amor

O amor é o superlativo
De tudo que o homem faz,
Está sempre presente,
Procurando ser clemente,
Refletindo somente a paz.

Sou adepto da mansidão,
Odeio a escuridão,
A ignorância e a tirania,
Adoro a perfeição,
A diplomacia e a lapidação.

Abraçe com alegria,
Seja amante da poesia e
Da filosofia também,
É o berço da cultura,
Alinhando com a literatura,
Ao mundo faz muito bem.

(Pedro Blum de Moura)

RIMANDO COM ALEGRIA

O poeta, escritor,
que também é trovador,
vai agora recitar,
mostrar que a poesia,
não se trata de anarquia,
é a Cultura que anuncia,
que a verve da diplomacia,
muito tem o que mostrar,
quem não gostar de poesia,
não sabe o que é fidalguia,
desconhece a galhardia,
precisa se lapidar,
tem o coração de pedra,
só pensa em ir a guerra,
nunca soube o que é amar.
A poesia nos alegra,
a trova nos faz animar,
rima a ptimeira com a terceira,
a segunda com a quarta,
a festa vai começar,
o poeta se deleita,
a todos passa a receita,
isso sim é que é amar,
não precisa ir a luta,
não existe a tal disputa,
apenas saber rimar,
tem gente imprudente,
nunca soube o que é rimar,
não sabe o que é uma trova,
ou mesmo uma poesia,
vive com a mente vazia,
só vive para reclamar,
não sabe o que é cultura,
de onde vem a Literatura,
erudita ou popular,
o poeta é diferente,
caminha segue em frente,
a todos faz respeitar,
publique o que quiser,
mas nunca pegue no pé,
de quem gosta de recitar.

Pedro Blum de Moura.

UMA DE CADA VEZ

O poeta literata, a tudo narra, relata, exalta, mas, cada coisa de um vez, vou falar de poesia, da didática e da filosofia, tudo que vem da cultura, exibir a literatura, da arte do saber, do modo de escrever, vou deixar transparecer, o amor a sapiência, falar só do bem nunca falar do mal, etc...e coisa é tal, buscar na profundidade do ser intelectual, sempre a coisa mais correta e ter a hora certa, de recorrer do que é legal, ser ativo na verdade, experiência da idade, o que aprendeu na Faculdade, no Banco da Universidade, carregará para sempre, ser próspero e inteligente, caminhar bem mais à frente, ser um homem decente,
elegante, benevolente,
amar tudo que faz bem, preservar a natureza, cuidar bem dos animais, amar a Fauna e a Flora, para quando for embora, correrem todos atrás,
o espírito de liderança, aumenta toda esperança,
o que no homem falta de mais,
todo amor ao teatro, o talento do ator, da atriz, gesticular,
no palco é algo a mais para se ver, difícil de imitar,
 o motorista de caminhao,
que carrega a produção para ao mundo alimentar,
falo também do agricultor,
que tudo plantou,
 porém foi quem menos ganhou,
 nunca reclamou, continua a trabalhar,
o médico que estudou, o professor que Ensinou, por todas profissões,
que carregam os seus bastões,
cada um em seu lugar,
a justiça para ser feita, haveria de compartilhar, tudo é justo e perfeito, para correr tudo direito, muito teremos que amar, com um amor forte e profundo,
abraçar a todo mundo, do mosquito ao elefante, do seu próximo ser amante,
ser bem forte o bastante, educado e elegante, para o idoso respeitar.
Como seria tão legal, se nada tivesse fim,
mas, tudo que começa,
Também chega ao final.

Pedro Blum

OS VALORES PESSOAIS

Pedro Blum

Uma jovem nordestina, que se chamava Maria, nascida em Canavieiras, interior da Bahia
Tinha loucura para voar, mas, não havia condições,
O seu pai era operário, o seu almoço todo dia, ela ia deixar.
Lá conheceu um rapaz, chegou até se casar, mas, não teve sorte, fizeram se separar. O tempo foi passando, o seu pai faleceu, passaram-se alguns dias, o seu ex marido, chegou em casa, para lhe avisar, que o filho do dono da indústria, precisava lhe pagar os direitos trabalhistas de seu pai.
O que ela já esperava, para as contas poder liquidar.
Quanto mais o tempo passava,
Ela chorava todo dia, porque o que mais queria, era ir na escola estudar,
Aprender a ler e escrever,
porque nem mesmo, o seu próprio nome, ela sabia assinar,
Chegou o dia marcado, ela se dirigiu até a indústria, que seu pai trabalhou, ela muito simples, porém, bastante bonita, de um corpo escultural, foi chamada para a tesouraria, lá chegando o gerente financeiro, entregou-lhe os papéis para ela assinar, ela ficou paralisada e começou a chorar, o filho do Patrão, que estava assumindo à direção da Indústria, entrou na mesma sala e, surpreso ficou ao vê-la chorar, se dirigiu à moça e lhe indagou, porque choras? Foi quando ela lhe respondeu que não sabia escrever, ele sorriu, tirou seu lenço perfumado e deu-lhe para enxugar as lágrimas, chamou o gerente e pediu para que, levasse os documentos e o dinheiro para a sua sala. Com muita lhaneza, a chamou e ela o acompanhou, momento em que, mandou servi-la café e água, e falou para ela, que havia ficado encantado com a sua beleza, efetuou o seu pagamento e, ofereceu-lhe uma carona, para ir deixá-la em casa. No caminho ele a beijou com o seu consentimento, começaram a namorar, ele contratou uma Professora, para lhe alfabetizar, ela por sua força de vontade, se desenvolveu nos estudos, ingressou na Faculdade,
Casaram-se e, como presente pela formação Universitária, ele a convidou para viajarem à Itália, em um turismo católico até o Vaticano, viajaram, em Roma desembarcaram e se hospedaram em um hotel de luxo, passearam e, aproveitaram bastante. Ela maravilhada pela sorte de ter casado bem, o que havia lhe proporcionado seus dois maiores desejos. Foi quando encerrou o passeio e, embarcaram de volta ao Brasil, acontecendo o pior, a aeronave sofreu uma pane e caiu no mar. Assim se encerrou este conto.

O L I V R O

Pedro Blum

A leitura é magnífica,
Nos ensina a aprender,
Cada página vindoura,
Tem muito o que se ler,

As páginas que passaram,
A quem leu muito ensinaram,
Aos que muito gostaram,
Retornaram para ler.

Ao ignorante que refuta,
Ele sabe ir à luta,
Mas, não sabe escrever.

Já ao sábio que estudou,
Ele nunca trabalhou,
Mas. Aprendeu a ler.

OS GLADIADORES

Pedro Blum

Desafiando os desafios, justos e ordeiros.
Hércules e Maciste,
Desafiavam o Vale do Leões,
Eram gladiadores, temidos e valentes,

Habitavam o Coliseu de Roma,
Lutavam e se digladiavam,
Homens fortes e justiceiros,
Justos, simples e ordeiros.

Artistas renomados,
De Hollywood afamados,
Por seus físicos anormais.

Precisavam passar por triagem,
Para concorrerem com suas imagens,
Ter o corpo escultural.

A ARTE DE ESCREVER

A ideia de escrever, persiste em
conhecimentos repassar,
Mostrar para o mundo inteiro,
Que a vida poderá melhorar,
A ciência da Cultura, se une a Literatura,
E, passa à filosofar, em versos, rimas e
poesias, um livro se poderá editar.
O Livro editado se transforma em exemplar,
O Leitor se delicia, sente a maior alegria,
Quando estar a desbravar, o sinônimo das
palavras,
O vocábulo literário, que ele chega a.decifrar,
Eleva o pensamento, valoriza o sentimento
para bem mentalizar,
Satisfaz o Escritor, por tudo que ajudou ao
leitor se deleitar.

Pedro Blum.

FATOS COTIDIANOS

Pedro Blum

Todo Santo dia eu acordo,
Ouvindo os pássaros a cantar,
Cada um tem o seu ninho,
Feliz quem tem onde morar.

Por isso eu rezo todo dia,
Para quem é morador de rua,
Que abandona a família sua,
A droga é uma droga, que mata e, não alivia.

O homem se torna inútil,
Por questões pessoais,
Poderia pensar mais.

O fútil é inútil, quando a droga faz rolar,
Quando o homem pensa alto,
É um livro exemplar.

O Meu Jardim Florido

No canto sereno onde o sol desponta,
Flores dançam suaves, em cores que encantam,
Rosas em vermelho, como lábios que contam,
Segredos do amor que a brisa apronta.

O perfume do jasmim, doce e etéreo,
Envolve o ar quente com seu toque sutil,
Enquanto as margaridas, em branco e amarelo,
Sorrindo ao vento, fazem o dia gentil.

Lágrimas da chuva regam a terra fértil,
Cada pétala brilha sob o olhar do luar,
Borboletas leves em um balé tão terno,
Deslizam entre flores como um sonho a flutuar.

O canto dos pássaros é uma doce melodia,
Harmonizando a vida em um tom de alegria.
As folhas murmuram segredos ao vento,
E os raios de sol pintam sombras no momento.

E ao entardecer, quando o sol se despede,
As cores se aquietam numa paleta de paz.
No meu jardim florido, onde a alma se mede,
Eterno é o instante que a beleza traz.

Gilson Pónthes

O Homem do Violino

Conto

Gilson Pónthes

No bar mal iluminado, os clientes falavam alto, afogados em seus próprios dramas. Foi então que ele apareceu. Vestia um casaco surrado, carregava um violino e, sem pedir licença, começou a tocar.

A melodia era triste, mas hipnotizante. Aos poucos, as vozes silenciaram, os copos pararam a meio caminho da boca, e até o tempo pareceu prender a respiração. Quando a última nota morreu no ar, todos esperavam algo: um pedido de dinheiro, uma explicação. Mas o homem apenas sorriu, fez uma leve reverência e partiu, sem olhar para trás.

— Quem era ele? — perguntou um cliente.

O dono do bar, com os olhos marejados, respondeu:

— Meu avô. Mas ele morreu há vinte anos.

O Último Trem Para Casa

Crônica

A cidade respirava em um ritmo frenético, com seu coração pulsando entre os sons de buzinas, conversas apressadas e o tilintar das moedas nas mãos de quem vendia flores nas estações do metrô. Era uma daquelas noites em que a luz amarelada dos postes enredava as sombras em danças coreografadas, enquanto os transeuntes se moviam como peças de um quebra-cabeça complexo. No entanto, para Clara, cada momento se arrastava na estação do metrô.

Com o olhar perdido no horizonte da plataforma, onde os caminhos se cruzavam e se separavam, Clara aguardava o último trem. Era uma espera comum, mas o que a tornava diferente era a sensação de que, com cada minuto que passava, um pedaço de vida se esvaía entre os trilhos. As pessoas ao seu redor estavam mergulhadas em suas próprias realidades: um homem de terno apressado que organizava a gravata com a precisão de um cirurgião, uma jovem com fones de ouvido que dançava ligeiramente, perdida na batida de sua própria trilha sonora.

O trem chegou com um estrondo, parando com um rangido que reverberava nas paredes da estação. Clara, como todos, embarcou, mas não sem antes sentir um breve momento de hesitação. Aquelas paredes frias e os rostos anônimos sempre traziam à tona uma estranha intimidade. Ninguém olhava nos olhos de ninguém, mas havia uma conexão invisível que unia todos ali – a de que partilhavam o mesmo destino, mesmo que apenas por alguns quarteirões.

Dentro do vagão, o ar era pesado, preenchido com o cheiro de suor, perfumes e o forte odor de café frio de uma caneca esquecida em mãos distraídas. Clara se apoiou na barra de metal, observando os rostos ao seu redor. Havia um grupo de jovens rindo alto, uma mulher lendo um livro cujas páginas pareciam desvanecer, um velho que carregava, em seu semblante, as histórias de mil vidas. E, enquanto o trem balançava, ela se deixou levar, questionando quantas vidas haviam se cruzado ali, naquela carroça em movimento.

Os anúncios da estação a alertavam sobre o destino, enquanto a cidade passava pela janela como um filme acelerado. Clara respirou fundo, sentindo a solidão que, de alguma forma, a acompanhava. Na agitação do cotidiano, ela tinha a certeza de que muitos sentiam o mesmo. Havia uma melancolia que flutuava no ar, uma tristeza enrustida nas conversas baixas e no olhar distante.

Finalmente, chegou sua estação. Clara desceu, misturando-se ao fluxo imenso de pessoas. Cada um deles carregava seu próprio fardo; um tinha que lidar com um amor que se desfazia, outro com o peso de um emprego sem futuro. Enquanto caminhava pelas ruas iluminadas, lembrou-se de que a cidade não era apenas ruído e movimento, mas uma coleção de histórias, fragmentos de vidas interligadas.

Lá no fundo, ela compreendeu: o último trem para casa não era apenas um transporte. Era um microcosmo da vida urbana, onde as esperanças e as frustrações dançavam em harmonia. E, ao cruzar a porta de seu apartamento, Clara decidiu que, mesmo nas noites mais solitárias, ela poderia ser uma protagonista da sua própria narrativa. O trem tinha partido, mas a história continuava, fora dos trilhos.

Gilson Pónthes

A ORÍGEM DE TODAS AS COISAS

Poema

No coração da antiga Grécia, a busca sem fim,
Onde cada mente pensava sobre o que está além de mim.
Tales via na água o princípio a fluir,
E Heráclito no fogo, a mudança a consumir.

Anaxímenes, em seu olhar, viu o ar a se expandir,
Uma essência invisível, a nos sustentar e reunir.
Pitágoras cantou os números, ordem sem fim,
Onde harmonia e proporção moldam o destino assim.

Empédocles falava do amor e do ódio a se enfrentar,
Forças que unem e separam, em eterno dançar.
Demócrito, com sua visão, falou do átomo a existir,
Partículas invisíveis, que o mundo fazem se construir.

Sócrates, sábio e humilde, em sua busca a ensinar,
A virtude era o bem maior, o caminho a iluminar.
Platão, com suas ideias, via a verdade como luz,
Em formas perfeitas, que a mente conduz.

Aristóteles, com lógica, estruturou o saber,
Definiu a causa e o efeito, para o mundo entender.
E assim, no labirinto do pensamento a se expandir,
Cada filósofo deixou sua marca, no eterno existir.

Gilson Pónthes

Medo da Mudança

Conto

A vida é um campo de escolhas, mas em cada encruzilhada, o medo sussurra em nossos ouvidos. É o medo do desconhecido, daquilo que não podemos controlar, da perda de algo familiar e seguro. O medo da mudança é o fantasma que nos impede de dar o primeiro passo rumo ao novo, nos paralisa diante da possibilidade do incerto. E, no entanto, a mudança não é um inimigo, mas uma porta aberta para a transformação.
Todos nós enfrentamos a necessidade de mudar, seja em nossos hábitos, nas nossas relações ou até mesmo na forma como vemos o mundo. Mas, assim como a borboleta que sai de seu casulo, a mudança nos exige coragem. Precisamos olhar para o futuro com os olhos da esperança, não com os olhos do receio.

Gilson Pónthes

Bicho-de-pé

Crônica

O sol ainda estava baixo quando Cláudio começou a caminhar pela trilha estreita que serpenteava pelo mato. O calor abafado e o cheiro de terra úmida pareciam convidar à aventura, mas logo ele sentiu algo estranho. Não era uma picada de inseto, mas um formigamento crescente nos pés. Olhou para baixo e, para sua surpresa, viu pequenos pontos vermelhos se espalhando por sua pele.

Sem saber o que fazer, olhou ao redor, tentando lembrar de algo que ouvia em sua infância. “Bicho-de-pé”, sussurrou para si mesmo, uma lembrança distante de sua avó. O pânico tomou conta do seu peito, mas não havia como voltar agora. Os minúsculos invasores já estavam em seu corpo, uma invasão silenciosa, sem aviso.

Com pressa, ele tentou arrancá-los com as mãos, mas sabia que a picada, aquela mordida invisível de sofrimento, já tinha sido dada. No fim, tudo o que restava era a sensação de que, por mais que tentasse se livrar deles, o bicho-de-pé sempre voltaria. Às vezes, nas coisas mais simples, a natureza se lembra de nos ensinar a persistir, até nas menores dores.

Gilson Pónthes